

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

EDNA APARECIDA PITELLI SABATINE

**LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

MARINGÁ  
2013

EDNA APARECIDA PITELLI SABATINE

**LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao curso de Pedagogia, da Universidade  
Estadual de Maringá, como requisito parcial para  
obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.  
Orientação: Profa. Dra. Teresa Kazuko Teruya

MARINGÁ  
2013

SABATINE, Edna Aparecida Pitelli. **Leitura crítica da mídia no Ensino Fundamental**. 2013. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, 2013.

## RESUMO

Este artigo problematiza o uso das mídias digitais por crianças e adolescentes, especialmente o computador conectado à internet. Esta mídia possibilita explorar, criar, denunciar, fazer pesquisa, produzir imagens e mensagens. É uma ferramenta que permite a comunicação online entre pessoas conectadas em qualquer parte do mundo, podendo trocar informações em tempo real e formando uma gigantesca comunidade virtual. A questão é: qual a tarefa docente para lidar com o conteúdo midiático no processo de ensino e aprendizagem da Educação Fundamental? O objetivo geral deste TCC é investigar as potencialidades das mídias como artefato cultural que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem na educação fundamental. Os objetivos específicos são: 1. Problematizar a formação dos professores para o uso da mídia no espaço escolar. 2. Analisar as estratégias pedagógicas que contempla a leitura crítica da mídia. 3. Analisar a inserção das mídias na educação fundamental. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem como base os Estudos Culturais. Utiliza os seguintes autores: Douglas Kellner, Henry A. Giroux, Maria Luiza Belloni, Teresa Kazuko Teruya entre outros pesquisadores que investigam o uso da mídia na educação numa abordagem multiperspectivista da pedagogia crítica da mídia.

**Palavras-Chave:** Educação. Cultura da mídia. Ensino Fundamental.

## ABSTRACT

This article discusses the use of digital media by children and adolescents, mainly the computer connected to the internet. This media allows exploring, creating, reporting, doing research, and producing images and messages. It is a tool that permits online communication among people connected anywhere in the world, and they can exchange information in real time and create a huge virtual community. The question is: what is the teaching task to deal with the media content in the teaching and learning process of elementary school? The aim of this final course paper is to investigate the potential of media as cultural artifact which contributes to the process of teaching and learning in elementary school. The specific objectives are: 1. Discuss the training of teachers for using media at school. 2. Analyze the pedagogical strategies that include media critical reading. 3. Analyze the inclusion of media in elementary school. It is a literature based on cultural studies. It uses the following authors: Douglas Kellner, Henry A. Giroux, Maria Luiza Belloni, Teresa Kazuko Teruya among other researchers which investigate the use of media in education on a multi perspective approach of critical pedagogy of media.

**Keywords:** Education. Media culture. Elementary School.

## LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

SABATINE, Edna Aparecida Pitelli

### INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea as inovações tecnológicas provocaram mudanças significativas nas organizações do trabalho, nas famílias e nos currículos escolares, já que não são mais as mesmas de épocas anteriores. Os indivíduos estão mergulhados no mundo tecnológico e utilizam os recursos digitais na maioria das atividades profissionais. Teruya (2006, p.24) afirma que “a informação digital de códigos e mensagens substituiu muitas atividades cognitivas no campo da linguagem escrita, leitura e voz; capacidade de armazenamento, combinação de símbolos”. Diante disso, percebe-se a necessidade constante de estudar e conhecer essas inovações tecnológicas.

Bévort e Belloni (2009, p. 1091) afirmam que ao longo do século XX as “indústrias culturais” (radio, cinema, televisão, impressos) passaram por grande transformação tecnológica e, na medida em que este sistema foi se desenvolvendo, transformou se em artefatos de última geração, as chamadas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Tais artefatos vêm desenhados em “uma nova paisagem comunicacional e informacional”. Conforme informam as autoras, os especialistas em educação estão adotando as TIC no campo educacional, já que as mesmas permitem aos alunos mobilidade para manusear esses artefatos, dispensando as fiações para se conectar a internet, desde que haja disponibilidade da internet sem fio (*wi -fi*).

Essas tecnologias de informação e comunicação exigem outras formas de produzir os conhecimentos científicos e configuram outro perfil de alunos, professores e trabalhadores, modificando as formas de pensar e expressar. Observa-se a inserção da mulher cada vez maior no mundo do trabalho, afetando a estrutura familiar nesse sistema capitalista. Depois da revolução industrial no século XVIII na Inglaterra, houve um debate sobre o problema do “desemprego tecnológico”. No entanto, com a revolução microeletrônica, em meados do século XX, mudou radicalmente a sociedade do trabalho. O feminismo e o movimento negro passaram a reivindicar mais direitos sociais. As mulheres foram à luta e ingressaram no mundo do trabalho exigindo mais independência e conquistas por autonomia.

Na configuração das famílias, percebe-se que não é mais o homem o único provedor, porque as mulheres precisam contribuir com o sustento do lar. Nesse sentido, elas exercem

várias funções ao mesmo tempo, com emprego fora do lar e a missão de donas de casa, esposas e mães, perfazendo uma carga horária de trabalho diário excessiva.

As mídias contribuem para disseminar modelos de famílias, de profissões e tipos de trabalho. Ao atribuir às mulheres essa dupla jornada trabalho, a educação dos filhos foge, gradativamente, de seu controle e a função educativa, que era da família, é transferida para a escola e também para as mídias.

Os pais sofrem com as duplas jornadas de trabalhos, estresse, formação intelectual e social, pois passam quase o dia todo fora de casa. Para compensar esta ausência, os pais proporcionam aos filhos aquilo que o mercado oferece de novidades, especialmente os aparelhos eletrônicos digitais, tais como computador, *tablet*, telefone celular, *compact disc*, vídeo digital, *world wide web*, televisão digital, mini disc, video games, jogo eletrônico e outras mídias interativas. Estes equipamentos oferecem a comunicação em tempo real e um mundo de imagens, cores, sons e movimentos aos filhos, coisas que os pais não tiveram, por isso ficam deslumbrados com tantas inovações tecnológicas.

Desta forma, os pais têm a sensação de realização e ficam orgulhosos ao perceberem que os filhos entendem mais de tecnologia do que eles. Por isso, muitos pais consomem essas tecnologias *online* para interagir com seus filhos, adotando todos os tipos de tecnologias digitais. Este fascínio pelas mídias pode levar crianças e adolescentes à dependência compulsiva na medida em que se desligam da realidade física e afetiva para se ligarem às realidades virtuais oferecidas por uma dessas “máquinas inteligentes”.

As crianças e os adolescentes nascem em uma sociedade midiática. Os dispositivos de informação e comunicação estão presentes no seu dia a dia, portanto, é uma geração familiarizada com mídias. A questão a ser enfocada no trabalho enseja uma pergunta: **qual a tarefa docente para lidar com o conteúdo midiático no processo de ensino e aprendizagem da Educação Fundamental?**

Para responder esta questão, recorreu-se aos autores que contribuem na reflexão sobre a formação de educadores e educadoras para a leitura crítica das mídias. Para isso, entende-se as mídias como artefatos culturais ambíguos, porque possuem características que podem libertar ou dominar. O indivíduo pode se apropriar significativamente do conhecimento com possibilidades de conquistar sua autonomia intelectual e ser capaz de avaliar as características manipuladora.

O objetivo geral do estudo é investigar as potencialidades das mídias como artefato cultural que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem na educação fundamental. Os objetivos específicos são: problematizar a formação dos professores para o uso da mídia

no espaço escolar; analisar as estratégias pedagógicas que contemplam a leitura crítica da mídia e a inserção das mídias na educação fundamental.

Para atender a esses objetivos, se considera os Estudos Culturais o referencial teórico mais adequado para a compreensão da cultura midiática no contexto escolar, pois há um grande número de estudos propositivos para a formação docente. Entre os que contribuem para este estudo mencionam-se os seguintes autores: GIROUX (1995), KELLNER e SHARE (2008), BELLONI; GOMES (2008), TERUYA (2006) entre outros/as para refletir sobre o tema: **Leitura crítica da mídia no ensino fundamental.**

Na medida em que essa “nova geração”<sup>1</sup> começa a frequentar a escola ela traz consigo a realidade do mundo digital vivenciada no seu dia a dia para o cotidiano escolar. O dia conectado à internet navega por um mundo sem barreiras físicas e nem temporais. Entretanto, a criança que ingressa em uma escola pública encontra ainda professoras e professores sem uma formação pedagógica para atender alunos e alunas familiarizados com os recursos midiáticos. Assim, entende-se que a escola demora em acompanhar as inovações tecnológicas e continua a reproduzir os métodos e os conteúdos tradicionais, comprometendo a atenção dos estudantes.

A escola também limita a liberdade de seus profissionais em tomar uma postura inovadora diante das mudanças ocorridas com a inserção das novas tecnologias. Dessa forma, a maioria dos professores continua trabalhando ainda de maneira artesanal, usando o papel, lápis e quadro de giz. Portanto, é inevitável que essa resistência da escola em usar os recursos midiáticos na educação gera impacto no sujeito, e contribui para que os alunos sintam-se perdidos e desorientados na sala de aula.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, fundamenta-se em livros, capítulos de livros e artigos publicados em periódicos qualificados na área de educação, que tratam da educação para a mídia com base nos Estudos Culturais. Esta investigação pretende problematizar a cultura da mídia no contexto escolar e também alguns conceitos de educação. Dessa forma, ressalta-se que este trabalho de conclusão de curso resultará em um artigo acadêmico fundamentando em autores que propõem uma leitura crítica da mídia, como uma metodologia

---

<sup>1</sup> Para esclarecer ao leitor, o termo nova geração é utilizado por Bévort e Belloni (2009, p. 1081-1099), para definir a criança nascida entre a década de 90, até nos dias atuais que vivem mediado pela internet, computador e outros artefatos tecnológicos.

das mídias para ser utilizada no espaço escolar, analisando as relações entre as mídias, as audiências, a informação que trata de gênero, raça, classe social e poder na Educação Fundamental.

A metodologia de ensino com a utilização dos recursos da mídia pode contribuir na formação da autonomia intelectual. Sendo que o indivíduo, para tomar consciência do pleno desenvolvimento da cidadania no mundo tecnológico, necessita de um conhecimento crítico, no sentido de distinguir o que é pedagógico ou não.

Reconhecendo o valor de um ensino de qualidade Moreira (1995) ressalta que a escola, ao elaborar seu currículo, não deve desviar a atenção das questões relacionadas à política e ao poder, levando em consideração as diferenças culturais, classe sociais, identidade e subjetividade de todos os indivíduos. Nessa perspectiva, o autor acredita que a educação é um elemento de transformação social, por isso, o sujeito deve ser formado em sua totalidade, apropriando-se da cultura do conhecimento.

Deste modo, as exigências educacionais contemporâneas de novas atitudes docentes visam à melhoria do ensino fundamental. Moreira (1995) destaca que há no país movimentos que discutem a respeito da reformulação dos cursos de formação de professores/as, no sentido de capacitá-los às novas realidades educacionais. Nesse âmbito escolar, o autor diz que não são poucos os obstáculos a serem vencidos, dentre eles, a falta de interesse político. Diante dessa realidade, o autor sugere caminhos e alternativas que podem contribuir com a formação crítica de professores.

## **PROBLEMATIZAR A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA O USO DA MÍDIA NO ESPAÇO ESCOLAR**

O desenvolvimento da ciência, especialmente a partir do século XVI, possibilitou a expansão marítima e permitiu ao homem estabelecer contatos com outros povos ao explorar novos continentes, firmando alianças comerciais para vender seus produtos. Depois das grandes navegações, inauguraram-se novas formas de registrar as ações humanas e disseminar os conhecimentos produzidos, com a burguesia idealizando a formação de um novo homem. Teruya (2010) lembra que a sociedade daquela época despertou o desejo de deixar de lado o passado, e o homem foi gradativamente mudando seus ideais, aderindo aos poucos às novas tendências filosóficas, sociológicas e psicológicas. A autora reconhece que o conhecimento

foi historicamente construído por meio das relações culturais, pressupondo a sistematização deste saber para que essa construção se efetivasse no campo educacional.

Moreira (1995, p.10), ao tratar do currículo, argumenta que a necessidade de interação entre sujeitos, mas com objetivos diferentes, deve “[...] evitar reducionismos e determinismos, e pelo esforço em empregar, na discussão do currículo e da pedagogia, elementos dos discursos modernos e pós-modernos”. Assim sendo, o autor argumenta que o currículo precisa ser um instrumento eficaz, flexível e adaptável a constantes transformações independentes de cada contexto histórico e também da realidade social.

Segundo Teruya (2010), a educação no Brasil começou em 1549, ofertada pelos padres jesuítas, dando início ao processo de ensino que, através do sentimento de natureza religiosa propagou a fé cristã. Assim, foi marcada a primeira fase da educação, mudando a história sociocultural do país. Nesse cenário da educação, segundo a autora, depara-se com diversas tendências pedagógicas de acordo com cada momento histórico. A primeira tendência é denominada de tradicional, perdurando até a década de 1960 do século XX, sendo que nela o professor ou a professora era a única fonte de saber e o processo de aprendizagem era concebido de forma mecânica, pois o método de ensino baseava-se unicamente em transferir o conhecimento para o alunado e, os mesmos o memorizavam e o repetiam.

A preocupação de uma educação para todos iniciou na década de 30 do século XX. Nessa década os pensadores da educação defendiam a ideia da Escola Nova, que teve como mentor o pensador norte americano John Dewey. Teruya (2010, p.41) argumenta que os pensadores educacionais brasileiros dessa década, trilham o caminho da escola ao publicar o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova em 1932: Este “[...] foi um movimento renovador da educação que lutava em favor do ensino fundamental público, laico, gratuito e obrigatório”. Com isso, as escolas públicas gradativamente foram sendo ampliadas no país, e sua função caracterizada no educar e cuidar das crianças brasileiras, principalmente os filhos das famílias de baixa renda que sofriam com uma jornada de trabalho excessiva.

A partir dos anos 1970 a educação convencional recebeu forte influência do tecnicismo, que estava em sintonia com o Regime Militar e que priorizava o ideário de produtividade, eficácia e controle. Com isso, todas as esferas educacionais se estruturaram “[...] no sistema burocrático, inflexível, hierárquico e especializado” (TERUYA, 2010, p.41). Está tendência pedagógica, segundo a autora, veio atender o modelo capitalista de produção, idealizado e pensado dentro de um sistema organizado pelos ditadores, com o objetivo de formar cidadãos que atendessem ao mercado de trabalho.



A fronteira física de um país tem por finalidade controlar os movimentos de pessoas e produtos que se deslocam de um lugar para o outro. Canclini (2007, p.27) observa que ao longo da década de 1980 e 1990 aumentou significativamente o fluxo de pessoas, de migrações e também o crescimento de circulação de produtos nessas fronteiras, isso “[...] corresponde ao momento em que o livre comércio e a abertura de fronteiras apareciam como recursos para recolocar-se na competição econômica”. Na visão do autor, essa interligação que abrange a economia nacional e internacional é caracterizada por globalização, e esse acontecimento só é possível com a difusão das tecnologias mais avançadas.

Canclini (2007, p.17) ressalta que com a globalização o mundo vai se tornando cada vez mais multicultural. Essa nova tendência mundial representa uma mistura de culturas, na qual cada uma delas é diferente da outra, com outro modo de pensar, agir, relacionar, orientação sexual e crença, dentre outros, que pode ser entendido como “diversidade de culturas”. Conseqüentemente, a escola tem que ser pensada em outra dimensão para atender o sujeito considerado “diferente”. Diante disso, não é possível pensar na educação isoladamente do contexto social.

A complexidade econômica e social na conjuntura atual exige uma formação continuada em todos os setores do mundo do trabalho. Por isso, os professores precisam acompanhar essas mudanças e se apropriar dos artefatos tecnológicos em sua ação pedagógica. Estes profissionais necessitam de uma formação que ofereça subsídios aos seus alunos para desempenhar uma aprendizagem mais significativa.

Dessa forma, o ensino tem a possibilidade de responder aos problemas sociais, relacionados às ações políticas e ao poder e, ainda, um ensino que reconheça as diferenças culturais, sociais e a subjetividades dos indivíduos. Nessa perspectiva, acredita-se que a educação é um elemento de transformação social, por isso, o sujeito deve ser formado em sua totalidade apropriando a cultura do conhecimento. Diante disso, Moreira (1995) discute a importância de reformulação dos cursos de formação de professores e professoras, no sentido, de capacitá-los às novas realidades educacionais. O autor questiona também a necessidade de adequar o currículo escolar as novas demandas sociais:

[...] por uma compreensão de escola, de conhecimento educacional e de professor/a que os situem no sistema de relações mais vasto de que são partes integrantes; pela busca de articulação entre teoria e prática; por uma atitude interdisciplinar que facilite a integração, em diferentes espaços e projetos, de atividades de ensino, pesquisa e extensão; pela preocupação com a articulação dos chamados conteúdos específicos e conteúdos pedagógicos; pela valorização e promoção da pesquisa em ensino; por uma

perspectiva de integração das diversas instâncias participantes da formação de professor/a. (MOREIRA, 1995, p.8).

Alguns professores ainda não utilizam a potencialidade das mídias no espaço escolar e nem buscam a qualificação para melhorar a prática docente. No entanto, o impacto tecnológico é cada vez maior no cotidiano escolar e na vida social das famílias, exigindo uma formação para lidar com essas mídias na sala de aula. Por isso, a formação pedagógica exige também um bom conhecimento sobre os estudos relativos às mídias para subsidiar o trabalho docente. No processo comunicacional entre os alunos, é exigido uma mediação docente para o desenvolvimento das capacidades comunicativas, a fim de formar os cidadãos contemporâneos (LIBANEO, 2010).

Bévort e Belloni (2009) esclarecem que as buscas pelas melhorias do ensino não são prioridade só da sociedade brasileira, mas é uma preocupação dos organismos internacionais que tratam da educação de crianças e jovens. As autoras mencionam a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação), que lança documentos reconhecendo a importância das mídias na educação desde os anos de 1960. Destaca-se que a educação para as mídias ou mídia para educação adquire centralidade nas agendas das políticas educacionais. As autoras mencionam ainda que, entre tantas conferências internacionais e nacionais, a mais importante delas foi a Agenda de Paris em 2007, quando pela primeira vez defendeu-se a integração de uma nova modalidade de ensino na formação continuada de professores.

O governo brasileiro também reconhece os problemas relacionados com a educação e está buscando alternativas por meio de programas nacionais e orientações internacionais para a melhoria da qualidade de ensino no país. Para isso, o Ministério da Educação (MEC) apresenta a mais nova iniciativa do Governo Federal: Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), cujo objetivo é a alfabetização de todas as crianças do Ensino Fundamental até oito anos de idade. Entretanto, o programa é caracterizado pela formação continuada de professores alfabetizadores, colocando a disposição para os profissionais em formação apoio à alfabetização nas aulas de informática ou em sala de aula por meio de TV.

Neste contexto, explica-se que mesmo com tantas reformas políticas e estratégias para melhorar a educação brasileira ainda não foram solucionados os seus problemas. Os altos índices de analfabetismo no Brasil estão nas mídias e nas recentes pesquisas internacionais e nacionais, e “[...] revelam o baixíssimo nível de compreensão, interpretação e reflexão dos alunos do Ensino Fundamental e Médio” (CALDAS, 2006, p.118). Portanto, nota-se a

existência de dificuldades da escola para cumprir seu papel de ensinar diante das novas realidades sociais provocadas pelas inovações tecnológicas.

A sociedade contemporânea depende de outros meios de aprendizagem. Isso exige que os profissionais da educação reformulem suas práticas pedagógicas para buscar outros meios de alcançar novas habilidades comunicacionais. Essa incorporação tecnológica alterou as formas educativas nas escolas. Segundo Libâneo (2010, p.27), “[...] há hoje um reconhecimento de que a educação acontece em muitos lugares, por meio de várias agências. Além da família, a educação ocorre nos meios de comunicação, nas empresas, nos clubes, nas academias de ginástica, nos sindicatos, na rua”, dentre outros. Por isso, as crianças e adolescentes são atraídos pelas informações veiculadas na mídia e chegam à escola com uma visão de mundo construída pelas imagens e mensagens.

Nesse contexto, o mesmo autor afirma que a escola não detém mais sozinha o monopólio do saber, deixando de ser meramente uma agência transmissora de informação para se tornar uma agência de produção e interpretação de informação. Por isso, essa escola precisa ser repensada. Cabe ao professor tomar uma postura crítica diante das informações trazidas pelos alunos, denominada de cultura experienciada, que são as informações obtidas nas praças, nas ruas, nas famílias, nas academias de ginástica e entre outros conhecimentos apreendidos fora do contexto escolar. A tarefa docente é possibilitar condições para interpretação e seleção dos conteúdos da cultura formal adquiridas nos livros e revistas científicas.

Nesse sentido Silverstone (2002, p.20) argumenta que entender a mídia como um processo de mediação abre caminhos para uma leitura crítica da mesma, já que “[...] é no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum”. Desse modo, o autor alerta que as instituições midiáticas são cada vez mais globalizadas, atingindo um contingente maior de pessoas que estão envolvidos direto ou indiretamente com as suas mensagens, e ainda questiona a forma como a mídia produz e transmite seus significados para o ser humano. A mídia ao veicular suas mensagens, não se preocupa com a forma de recepção do sujeito, se vai recebê-la ou aceitar suas ideias e atitudes.

Belloni e Gomes (2008, p.723) reconhecem que os “nativos digitais” dominam com facilidade essas ferramentas (telefones celulares, *Ipod*, mp3, jogos eletrônicos dentre outros

aparelhos digitais), são eles que estão mais aptos “a extrair delas o melhor e o pior para construir sua formação”. Diante disso, percebe-se que esses dispositivos seguem em duas dimensões, por um lado, crianças e adolescentes têm um ganho incontestável na construção do conhecimento, especialmente os indivíduos das classes menos favorecidas. Com as TIC, eles têm oportunidades de acesso às mídias sofisticadas e participarem das democratizações culturais. Por outro lado, os alunos podem extrair significados distorcidos e fragmentados das informações dos fatos e favorecer ao preconceito em relação às outras culturas ou de mensagens mal interpretadas.

Kellner e Share (2008, p.703) ressaltam que “[...] as novas tecnologias de comunicação são ferramentas poderosas que podem libertar ou dominar, manipular ou esclarecer, e é vital que os educadores ensinem seus alunos a usar e analisar criticamente esses tipos de mídia”. Por isso, os professores precisam participar de formação continuada em mídias, a fim de conhecerem as potencialidades pedagógicas dessas ferramentas tecnológicas. Ao incluir em sua ação pedagógica essa formação, o professor deve oferecer condições para intervir e ajudar seus alunos a lerem criticamente o mundo em que estão inseridos. Só assim podem-se formar opiniões e tomar atitudes corretas.

Em uma sociedade globalizada e midiaticizada é “que habitamos em uma cultura fotocêntrica, auditiva e televisual na qual a proliferação de imagens e sons eletronicamente produzidos serve como uma forma de catecismo da mídia” (GIROUX; MCLAREN, 1995, p.144). Suas mensagens procuram despertar nos indivíduos o sentimento de bem estar social, mantendo confinado o seu consumidor ou empregador, reduzindo sua capacidade de crítica e confirmando assim a sua hegemonia ideológica. Nesse contexto, Kellner (2001, p. 9) afirma que a ideologia capitalista conduz a sociedade a uma uniformização das mensagens veiculadas nas mídias, ditando conceitos de classe social, beleza, etnia, raça, nacionalidade e valores. Assim, a mídia determina o que é “bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral”, dentre outros. Diante disso, o sujeito vai construindo sua identidade social e modificando sua identidade pessoal.

Nesse sentido, Giroux e McLaren (1995, p.147) defendem uma pedagogia crítica da representação para aos estudantes reconhecerem “[...] que as imagens não são nem objetivas e nem transparentes, mas produzidas no interior de locais discursivos e materiais de disjunção, ruptura e contradição”. Por isso, revelam o perigo a que ficam expostas as crianças e adolescentes diante de uma cultura que moldam a existência social.

Desta forma, a cultura infantil e juvenil são as que ficam expostas a cultura midiática. Giroux (1995, p.50), afirmar que “[...] a cultura infantil tem sido amplamente ignorada,

especialmente o mundo dos filmes animados”. O autor alerta, ainda, que é necessário aos profissionais da educação uma formação pedagógica que possibilite a escolha criteriosa dos conteúdos midiáticos para trabalhar com seus alunos. Cada mídia tem uma característica diferente da outra e isso requer cuidados redobrados, pois assim o professor não corre risco de estar alimentando uma cultura de representações conservadoras de mundo, que apresentam seus produtos com interesse apenas comercial, como faz a *Disney*.

Defende-se uma formação profissional que contemple a leitura crítica da mídia como um artefato de consumo cultural. Assim, a educação será vista com o poder de mudar a trajetória de vida das crianças e adolescentes das escolas públicas. Na atualidade, os sujeitos são bombardeados diariamente com grande quantidade de informações veiculadas pelas mídias. Assim, o professor reflexivo precisa estar cada vez mais presente no campo educacional, no sentido, de analisar com seus alunos as inverdades e equívocos que são disseminadas pela cultura midiática.

## **ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS QUE CONTEMPLAM A LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA**

Ao longo do século XX, o mundo ocidental presenciou a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto, provocada pela revolução microeletrônica e informática. Houve intensas mudanças na produção industrial que alteraram o panorama global da economia. Para executar suas tarefas, os trabalhadores e trabalhadoras tiveram que ampliar seus conhecimentos para ingressar no novo modo de trabalho que atendesse os interesses capitalistas (TERUYA, 2006). Diante disso, a sociedade contemporânea exigiu outra forma de educação que contemplasse o saber científico, mas ao mesmo tempo desenvolvesse um sujeito com autonomia, capacidade de tomar decisões rápidas e se relacionar com o mundo onde estava inserido.

Para Hall (2004), essas mudanças sociais tiveram impactos significativos na identidade do sujeito e, isso vem ocorrendo desde as últimas décadas. A identidade do indivíduo começou a se fragmentar, trazendo cada vez mais consequência para a sociedade e todos os seus seguimentos e, com o avanço tecnológico, essas mudanças tomaram outras proporções:

[...] as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações

como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma crise de identidade para o indivíduo (HALL, 2004, p.9).

Com essas mudanças estruturais e institucionais, Hall (2004) reconhece que o sujeito não tem mais uma identidade sólida, visto que, a sociedade, vive em constantes transformações, resultando numa identidade contraditória e inacabada. O autor ainda afirma que essas representações sociais têm características positivas, pois esses relacionamentos entre culturas desarticulam as identidades estáveis e abrem novas possibilidades para que o indivíduo construa uma nova identidade. Isso permite ter outra visão de mundo e outro modo de produzir o conhecimento, resultando em outra forma de aprender.

Desse modo, “[...] essa nova realidade obriga os professores a se adaptarem ao novo paradigma de conhecimento demandado pelas alterações no mundo do trabalho” (TERUYA, 2006, p.81). Com isso, ao analisar como o processo educativo vem sendo determinado nas escolas brasileiras, relacionado com as inovações tecnológicas, percebe-se que o campo educacional do século XXI não está estruturado nem fisicamente e nem psicologicamente para receber uma geração aberta aos novos relacionamentos culturais.

Teruya (2006, p.93) afirma que vivemos na Era Midiática, uma vez que “desde a infância os estudantes convivem com algum tipo de mídia eletrônica como rádio a televisão, o aparelho de som e alguns possuem computador ou trabalha com ele, e outros também com a internet”. Os impactos provocados pelas mídias no âmbito educacional, no trabalho, nas famílias, em todas as esferas públicas e privadas, modificaram também o modo de ser, pensar e agir. Pode-se afirmar que a mídia contribui para a formação da identidade do sujeito. A mídia tem capacidade de envolver as crianças e adolescentes a experimentarem o prazer de se localizarem em um mundo imaginário, provocar desejos exibidos na tela, instigando o consumo compulsivo de sonhos oferecidos pelo mundo mágico da indústria cultural.

Nesse sentido, Belloni e Gomes (2008, p.723) ressaltam que as tecnologias vão conferindo outros significados de educação para as crianças e adolescentes. É nesse sentido, que a prática pedagógica do professor em tecnologia contribui na formação do indivíduo. Visto que, as crianças e jovem convivem com a tecnologia, mas na dimensão reflexiva eles necessitam da mediação do professor.

As autoras reconhecem que as tecnologias precisam estar presentes nas instituições e ser um artefato útil no processo de ensino-aprendizagem, tanto do aluno quanto do professor, mas questionam que esse ato de navegar na internet não significa que o sujeito está desenvolvendo um processo de compreensão do mundo editado pela mídia. Muitas vezes o professor nem sabe o que seus estudantes estão fazendo quando estão navegando. Nessa hora necessita-se do olhar do professor, ou seja, da mediação para orientar seu alunado no uso tecnológico transformador, reflexiva e crítico.

Para Bévort e Belloni (2009), a mídia-educação ainda não foi oficializada nos sistemas de ensino. As autoras questionam que os fatores considerados negativos são a falta de interesse político e também da sociedade. Desta forma, cabe ao professor ou professora oferecer ao alunado novas possibilidades de aprendizagem na sala de aula. O uso da TIC na escola pode ser considerado uma ferramenta poderosa quando usada com intuito pedagógico, portanto, essas mídias digitais podem ser extremamente importantes, auxiliando o indivíduo a desenvolver pesquisa, projeto, ou outras atividades educativas.

Neste contexto, Belloni e Gomes (2008, p.721) asseguram que, conforme essas crianças e adolescentes vão tendo contato frequente com as TIC, como telefones celulares, *Ipod*, mp3 e jogos eletrônicos dentre outros aparelhos digitais, elas ficam mais espertas, pois esses novos artefatos permitem-lhes uma fonte inesgotável de entretenimento e informação. As autoras asseguram, ainda, que os indivíduos percebem com naturalidade esse universo digital, e isso provoca um sentimento de afetividade com as máquinas permitindo a elas outra forma de aprender “[...] um espécie nova de *autodidaxia* está desafiando a escola e, por consequência, todo o campo da educação”. Sendo assim, segundo as autoras, o professor deve desenvolver atividades com as tecnologias desde a sua formação inicial e sempre ir à busca de novos conhecimentos através da formação continuada.

As autoras reconhecem que essas “máquinas maravilhosas” desafiam cada vez mais crianças e adolescentes a desempenhar várias funções ao mesmo tempo, e isso vem intrigando a escola e os especialistas em educação, pois o motivo é que ainda não se sabe quase nada a respeito desta:

[...] capacidade de ‘processar em paralelo’, ou seja, realizar mais de uma atividade mental ao mesmo tempo, que as novas gerações vêm desenvolvendo no uso das TIC, sendo a mais conhecida a capacidade de fazer os deveres escolares ao mesmo tempo em que assistem a seus programas preferidos de televisão. (BELLONI; GOMES, 2008, p.724).

Diante do exposto, as autoras reconhecem que para acontecer estas habilidades cognitivas é necessário que a criança se encontre em ambiente favorável que proporcione a ela interatividade diariamente com as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação).

Belloni e Gomes (2008, p.724) ressaltam que, a Constituição Federal de 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) garante proteção e acesso à educação e a comunicação de qualidade a todos os cidadãos brasileiros. No entanto, há uma dualidade nas instituições. De um lado, estão crianças que possuem acesso aos bens materiais, culturais e técnicos, e do outro lado, crianças que estão desprovidas de todas essas benfeitorias. E, isso traz sérias consequências no desenvolvimento cognitivo das crianças da classe menos favorecidas. À medida que as mesmas vão avançando em sua trajetória escolar:

[...] aos 6 ou 7 anos, ela já traz consigo as marcas de sua condição social de desigualdade e exclusão do universo letrado ao qual pertence a escola. Contudo, estas marcas ainda não são indelévels e a escola teria possibilidades de integrar esta criança à cultura letrada e ao universo da informação escrita e eletrônica e do saber acumulado pela humanidade. (BELLONI; GOMES, 2008, p.724-725).

Nesse contexto, percebe-se que os professores não devem se limitar ao conteúdo básico da matriz curricular, mas inserir-se na busca por conhecimentos mais amplos, aprofundados e tecnológicos. A busca por novos conhecimentos desafiam os profissionais e quebram as barreiras tradicionais, abrindo espaços para as realidades educacionais que venham enriquecer o trabalho docente.

## **INSERÇÃO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL**

A mídia pode ser um artefato pedagógico importante na construção do conhecimento dos alunos e colaborar com o processo do desenvolvimento sociocultural. Silverstone (2002, p.19) afirma que se deve pensar na mídia como um agente mediador do saber para os “[...] seres humanos e suas comunicações, com linguagem e fala, com o dizer e o dito, com reconhecimento e mal - reconhecimento, e com a mídia vista como intervenções técnicas e políticas nos processos de compreensão”. Em razão desses motivos é que se deve questionar a mídia como uma dimensão social, a fim de entender suas sutilezas, o poder e suas consequências, diante das imagens e significados perturbadores que corroboram as violências impregnadas pelas ficções tecnológicas.



A ideologia, conforme afirma Kellner (2001, p. 43) “[...] diferencia e separa grupos em dominantes/dominados e superiores/inferiores, produzindo hierarquias e classificação que servem aos interesses das forças e das elites do poder”. Diante disso, é que o professor precisa entender a linguagem midiática, pois essas mídias se forem usadas para transmitir os ideais da classe dominante, exercem um poder a ponto de influenciar a sociedade e contribuem para configurar um modo de ser e pensar. É, nesse sentido, que as mídias moldam a identidade do sujeito e também ditam comportamentos sociais e individuais.

Sobre a mídia no campo educacional, Mônica Fantin (2007, p.3) ressalta que “[...] diversos autores argumentam em favor da inserção do cinema no ensino, e inúmeras experiências em diferentes contextos socioculturais demonstram a importância da relação cinema–educação”. O uso desta tecnologia na escola é uma possibilidade a mais para os professores e professoras avançarem nas suas práticas pedagógicas, um resultado dessas ações que favoreça o aprendizado da criança.

O cinema na escola pode ser explorado como ferramenta, um recurso pedagógico e como fonte, a fim de estimular a imaginação e a criatividade nas crianças.

Considerar o cinema como um meio significa que a atividade de contar histórias com imagens, sons e movimentos pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação, de educação e de fruição. (FANTIN, 2007, p.1).

A autora afirma que o cinema é importante na educação tanto quanto as outras tecnologias, pois trazer o cinema para a escola é uma possibilidade de ajudar às crianças a desenvolverem competências, habilidades e pensamento reflexivo e interpretativo. Elas percebem as noções de cidadania. Dessa forma, o cinema aparece na escola como um artefato facilitador do ensino e aprendizagem e ainda promove uma relação mais harmoniosa entre os alunos e também professores. A socialização que ocorre entre ambos facilita o desenvolvimento das atividades, que podem ser enriquecidas com a troca de experiências da coletividade com base no que é aprendido com a interação da mídia audiovisual.

Diante disso, Silverstone (2002) afirma que a mídia deve ser pensada como um processo de mediação. E, não se limitar aos textos midiáticos e aos seus leitores, mas também entre seus produtores e consumidores de mídia, no qual suas atividades são quase sempre contínuas e, com significados focados nos textos mediados que:

[...] implica o movimento de significados de um texto para o outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que texto da mídia e textos sobre mídias circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para sua produção (SILVERSTONE, 2002, p.33).

O autor questiona a forma como a mídia está sendo aplicada na educação, visto que esta mediação midiática na escola necessita da reflexão crítica do professor. A mídia não pode ser entendida e explorada de maneira superficial e interativa com significados de imagens e mensagens dados por corretos, prontos e acabados. A mediação é um processo que está sempre em transformação, podendo ser considerada um objeto de decodificação de mensagens e também de reflexões de ideias em constante contestação.

Outros dados são apresentados por Teruya e Mateus (2010), ao afirmarem que o professor precisa entrar em sintonia com essa nova realidade educacional, pois as crianças de hoje já nascem em um mundo entrelaçado por redes de comunicação e informação e a cada momento surgem novas inovações tecnológicas de informação e comunicação. Um exemplo dessa realidade é o *YouTube*, também considerado uma rede social, pois essa *website* é uma artefato que pode ser usada por qualquer internauta, e pode compartilhar sua criação neste espaço online. Compreende-se então que a características do portal *YouTube* é uma construção social, porque oferece oportunidades para todas as sociedades de manifestar suas culturas por esta mídia.

Dessa forma, ao se refletir sobre a quantidade de vídeos produzidos e postados no portal desde 2008, que, segundo os autores, já girava em torno de 85 milhões de vídeos. Diante desse dado, podem-se imaginar as infinitudes de conteúdos gerados por essa comunidade de internautas, um dos motivos que fazem da comunicação digital um fascínio, com o poder de entreter o sujeito. A mídia permite aos alunos que sejam produtores de suas próprias histórias, mas cabe à escola a tarefa de orientar o indivíduo, tornando-o consciente dos problemas do mundo em que estão inseridos.

Desse modo, ao se referir sobre a inserção das mídias no campo educacional, se pensa em uma escola sensível às mudanças sociais, culturais e tecnológicas. Para isso, os professores precisam inovar suas práticas pedagógicas, pois a escola está diante de uma geração mediada pelas tecnologias.

[...] a comunicação digital proporciona novas formas de interação que antes eram impossíveis. Essas ferramentas de compartilhamento são fantásticas e devem ser exploradas como forma de divulgação. A escola pode abrir canal um no *YouTube* e postar vídeos de eventos produzidos pela comunidade escolar, trabalhos dos alunos, apresentações em datas comemorativas, enfim, as possibilidades são imensas nessas mídias de recurso inovador, surpreendente e fascinante. (TERUYA: MATEUS, 2010, p.3).

Diante do exposto, nota-se a necessidade da intervenção ativa do professor e da escola, questionando sobre a produção dos conteúdos e a forma de divulgação. O indivíduo, nesse caso, apresenta sua produção diante de uma análise reflexiva entre ambos. Assim o aluno utiliza vários artifícios para sua publicação como: a expressão oral, escrita, audiovisual dentre outras.

Nesse sentido, Silverstone defende que a abordagem da mídia na escola seja valorizada de forma articulada entre a construção do conhecimento científico e o senso comum. Esses conhecimentos são caminhos para incentivar os indivíduos a pensarem nas melhores estratégias de produção ampliando a criticidade midiática nas explorações e distorções dos “[...] preconceitos de nações e gêneros. Os valores, atitudes, gostos, as culturas de classe, as etnicidades etc., reflexões e constituições da experiência e, como tais, terrenos-chave para a definição de identidades, para nossa capacidade de nos situar no mundo moderno” (SILVERSTONE, 2002, p. 21).

Entende-se que a mídia utilizada de maneira crítica no campo educacional amplia a cultura dos alunos. Por esse motivo, acredita-se no potencial pedagógico da mídia como uma parceira da educação, contribuindo para enriquecer o conhecimento do sujeito. As inovações tecnológicas permitem aos alunos a serem autores de sua própria narrativa. Assim, a mídia auxilia o sujeito a reconhecer os conhecimentos científicos, sem desprezar os conhecimentos empíricos nessa relação de cumplicidade entre o professor e o aluno.

É nesse sentido que Teruya e Mateus (2010) afirmam que a revolução informacional facilita no processo de ensino e aprendizagem dos indivíduos, pois a era digital desperta curiosidades e oportunizam aos alunos o desenvolvimento da capacidade reflexiva e crítica. Atualmente, tanto o professor quanto o aluno tem inúmeras maneiras de se comunicarem e socializarem. Além do site *YouTube*, encontram-se outras redes sociais como o *Facebook* e *Twitter*, bastante explorados por professores que inovam suas metodologias no intuito de apresentar aulas mais atraentes.

Considerando as redes sociais uma grande potência da mídia de massa que interferem diretamente na vida cotidiana dos alunos, julgam-se essas redes sociais como algo expressivo, um espaço de comunicação e troca de experiências:

[...] usuário do Twitter pode sugerir a leitura e postar o *link* de um artigo recém publicado aos seus *follower*s, (seguidores), e em segundos, esse *tweet*, que nada mais é do que uma postagem de 140 caracteres, pode alcançar milhares de pessoas. Um vídeo postado no YouTube também pode ser divulgado em todas essas redes sociais que acabam sendo interligadas por “botões”, representados pelas logomarcas dessas redes logo abaixo do vídeo. (TERUYA: MATEUS, 2010, p.3).

Com isso, o professor discute uma relação de parceria com a mídia. Desse modo, a mídia, na sala de aula, por ser entendida como uma ferramenta pedagógica possibilita aos professores outras linguagens, outras formas de se expressar por meio das imagens audiovisuais, dentre outros. Essa relação com a mídia permite aos professores terem mais domínios teóricos e de conteúdos, pois, conseqüentemente, leva a melhorar suas práticas pedagógicas ao fazer uma proposta de trabalho educativo mais significativo e assumir um compromisso com o aprendizado do aluno, no qual, valoriza o que o sujeito já sabe e esclarece o que ele ainda precisa aprender. Visto dessa forma, o professor oportunizará ao aluno a ser autônomo capaz de desenvolver sua independência intelectual.

Ao explicitar as mídias, Caldas (2006) afirma que o jornal e a revista são trabalhados nas escolas como uma prática pedagógica desde a década de 90 do século XX. Do ponto de vista da autora, essa proposta pedagógica deve ser explorada na escola em conjunto com professores e alunos, no intuito de contribuir para a formação intelectual no processo de ensino e aprendizagem. Essa proposta deve ter intencionalidade do professor, no sentido de proporcionar ao sujeito interagir socialmente a própria criação de comunicação e informação.

Caldas (2006) ressalta que o professor deve desenvolver projetos que estimulem os interesses dos alunos na elaboração de um jornal. A motivação pode nascer dentro do contexto escolar, e o tema a ser explorado pode ser definido na coletividade, diante do conhecimento e habilidades trazidos pelo alunado. Com isso, os alunos vão descobrindo o prazer da leitura e da escrita por si mesmos no mundo editado pela sua produção.

O jornal instiga o sujeito a buscar informação, mas para o aluno decifrar o mundo editado pela mídia o mesmo precisa aprender a analisar as informações e os discursos com professor. O motivo disso é que:

[...] não são poucas às vezes em que os textos jornalísticos distorcem as suas relações entre presente, passado e futuro, razão pela qual dificultam a percepção crítica do mundo por não estabelecerem as necessárias conexões entre os fatos presentes com suas causas e consequências (CALDAS, 2006, p.119).

Assim quando se refere à importância de uma leitura crítica e reflexiva dos textos midiáticos, tem-se a intenção de alertar o professor para não aceitar as informações como um processo pronto e acabado dos fatos. Segundo Silverstone, “[...] a mediação envolve o trabalho de instituições, grupos e tecnologias. Ela não começa e termina com um texto singular. Suas pretensões de fechamento, o produto das ideologias e narrativas de notícias, por exemplo, são comprometidas, no ponto de sua transmissão” (SILVERSTONE, 2002, p.37). Entende-se que ler o mundo editado pela mídia não é só ensinar o professor a ler jornal, revista e texto, dentre outros, mas sim capacitá-los a entender o significado da informação a partir de sua tradução, desde os enunciados até suas narrativas.

Neste aspecto, reconhece-se que o uso das mídias como ferramenta pedagógica na sala de aula para realizar as atividades escolares possibilita aos professores explorar conteúdos mais significantes para trabalhar com as crianças e adolescentes. Assim, a mídia passa a ser entendida como uma fonte inovadora do conhecimento no ambiente escolar:

[...] incentivar a leitura de jornal; incentivar outras leituras; ensinar o aluno como é jornal; promover o debate sobre o papel da imprensa; capacitar o aluno a ler criticamente o jornal; promover o respeito a opinião divergente; aproximar a escola das questões do cotidiano; facilitar uma aproximação entre os professores; tornar o currículo mais dinâmico ;ajudar o aluno a se expressar melhor e com maior confiança em si; contribuir para que o escreva melhor; facilitar a criação do jornal escolar; contribuir para o aprendizado informal da língua; contribuir para que o aluno conheça melhor o mundo que ele vive; contribuir par o exercício da cidadania e colaborar para a construção de um conhecimento mais amplo e multidisciplinar do aluno. (CALDAS, 2006, p.121).

A autora reconhece que a mídia impressa possibilita proposta pedagógica interessante para associar as atividades educacionais. Portanto, o professor deve analisar as informações com seus alunos, problematizando os conteúdos, no intuito, de decodificar as mensagens e os discursos editados pela mesma e, com isso possibilitará o sujeito a fazer novas descobertas que, conseqüentemente, o levará a ampliar seus conhecimentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos propostos na realização deste artigo foram alcançados no que se referem à presença da cultura midiática no contexto escolar e suas implicações no universo infantil e juvenil, diante das mensagens transmitidas por essas grandes indústrias. Contudo, esse público precisa ler criticamente as informações para tomar decisões mais livres e acertadas. Por isso, defende-se uma formação continuada em mídia para professores, de forma que a tarefa docente estabeleça um diálogo crítico sobre os conteúdos oferecidos pelas mesmas.

Com base nas leituras dos textos compreende-se a preocupação com a educação nos diferentes sujeitos presentes nas diversas sociedades que desfilaram no decorrer da história. A educação é um fenômeno que sempre mobilizou o desejo do homem em produzir o seu próprio conhecimento, percebido nas primeiras civilizações que já usavam algumas técnicas para o registro do cotidiano de suas existências.

Percebem-se propostas de trabalho oferecidas pelas mídias, no entanto ainda muitos professores e professoras do ensino fundamental não estão habilitados para desempenhar as funções correlatas aos conteúdos midiáticos. Conclui-se que a formação continuada em mídia é uma necessidade no enfrentamento das dificuldades encontradas no processo de aprendizagem escolar. Junto a essa consideração, verifica-se que essa escola precisa ser repensada no sentido de aderir ao avanço tecnológico expresso pelas mídias e se posicionar positivamente quanto a ofertar aos seus alunos um acesso qualitativamente ampliado a essas tecnologias.

Apesar dos cursos de licenciatura se esforçarem para formar profissionais capacitados para atuar na docência, percebe-se que atualmente o currículo desses cursos, principalmente o de pedagogia, não atende a demanda da realidade dos alunos. Visto que, os cursos de formação de professores deveriam se adequar conforme as exigências da sociedade. Para isso, os cursos de licenciatura precisam abrir espaços para os estudos sobre o uso das mídias, desde o ingresso dos alunos na formação inicial.

Considera-se que o avanço científico, industrial e tecnológico foi um passo para acontecer o fenômeno da globalização. Esse fenômeno interliga as nações e possibilita o rompimento das fronteiras físicas, abrindo as portas para a comunicação, informação e a circulação da economia no mercado mundial. Desse modo, o capital internacionaliza sua economia e impulsiona o consumo em uma velocidade constante. Com isso, os dispositivos tecnológicos tornam-se obsoletos em pouco tempo.

Ao estudar a respeito das mídias no atual contexto social, percebe-se que a sociedade exige cada vez mais conhecimento dos profissionais da educação com as tecnologias. Assim, pensar em uma educação sem as mídias é ignorar a realidade social. Porém, a utilização das

mesmas no ensino e aprendizagem só será significativa se os artefatos tecnológicos forem associados à rotina escolar do sujeito, lembrando que o uso desse recurso na sala de aula possibilita significados interessantes na realização das atividades, tanto para o docente quanto para o aluno.

Em suma, em decorrência das inovações tecnológicas a escola, ao se apropriar das mesmas pode deixar de ser meramente um espaço de transmissão do saber para ser um lugar onde se constrói esse saber, já que na atualidade crianças e adolescentes têm outras fontes de conhecimento e outro modo de aprender e se relacionar uns com outros.

Diante disso, a mídia pode ser considerada um caminho estratégico na luta contra a má qualidade de ensino, já que ela proporciona uma leitura do mundo e abre janelas para outros olhares. Com este estudo, se acredita que algumas reflexões produzidas poderão ser contribuições ou sementes promissoras no universo futuro de atuação profissional dos discentes e, aos docentes, buscou deixar apontamentos que poderão proporcionar uma prática educativa mais concatenada aos avanços tecnológicos obtidos na etapa atual da sociedade. Quanto aos resultados do entendimento que o estudo procurou oferecer somente o tempo poderá dar a resposta.

## REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. **Educ. Soc.**, Campinas, vl. 29, n. 104, out. 2008. (p.717-746).

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 109, set./dez. 2009. (p.1081-1102).

CALDAS, Graça. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 94, jan./abr. 2006.(p.117-130).

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

FANTIN, Mônica. Mídia-educação e cinema na escola. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15-16, jan/dez 2007. (p.1-13).

GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995. (p.144-157).

GIROUX, Henry. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas em sala de aula**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL,Starl. **Da Diáspora: Identidade e mediação culturais**. 10ª edição. DP&A Editora. Rio de Janeiro, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** novas exigências Educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2010.

MOREIRA, A. F. O currículo como política cultural e a formação docente. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (Org.) **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995. (p.1-48).

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos: identidade e políticas entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v.29, n. 104, out. 2008. (p.687-715).

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2002.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação**. Maringá: EDUEM, 2006.

Mídia na educação e na formação de professores. **Relatório de Pesquisa**. Brasília, DF: UnB, 2010.

**Processo Tradicional**. In: ALTOÉ, Anair; GASPARIM, João Luiz; NEGRÃO, Maria Tampellin Ferreira e TERUYA, Kazuko Teruya (Orgs.). **Didática: processo de trabalho em sala de aula**. Maringá: Eduem, 2010.



